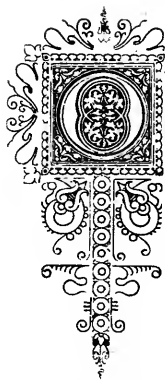
CARLOS D. FERNANDES

SOLAUS

2.ª EDIÇÃO

GENOVA
Stabilimenti Poligrafici S. A. I. C. C. Bacigalupi
1907.

Prefacio

Obedecendo talvez a essa corrente de phenomenos curiosos, que têm tão fundamente percutido, nestes ultimos tempos, a impressionabilidade dos homens, desde o vulcão maritimo do Indico á tentativa de proclamação da republica em Portugal, exgottou-se, nesse fagueiro mez de Maio, quando as flôres desabrocham e mais gorgeiam as aves pelas frondes renovadas, exgottou-se, dizia eu, a primeira edição dos *Solaus!* Risum teneatis...

Mil exemplares foram impressos e commercialmente contados, ha cinco annos, na casa do Sr. Garnier, em Paris, perante a minha commovida gravidade de auctor e em face do saudosissimo Trouplin, que me

dezenhara de perfil, numa ascenção gloriosa, emquanto em baixo, aos meus pés, as *classes honestas* rugiam de cólera. Esta apotheose complicadissima era a capa do livro, a qual o engenhoso pintor levou uma semana para conceber e executar, na rua des Belles Feuilles 29, onde se internou sombriamente a conselho de Edgar Prado, que me parece muito ter contribuido para esse retardamento com a sua endemoniada collaboração. Finalmente o dezenho de Trouplin produziu no Brasil o effeito esperado; esto é: acarretou-lhe alguns odios gratuitos e sympathias ephemeras, tornando-o ao mesmo tempo solidario com as responsabilidades consequentes da publicação dos *Solaus*. Atiraram-nos a nós ambos, com essa caracteristica gentileza dos criticos brasileiros, muitas grammineas, muitos espinhos e muitas rosas. Estas ultimas pertencem exclusivamente ao laureado pintor francez, que imprimiu com o seu genio ao meu bizonho livro essa fina graça, airosa e leve, que lhe valeu tantos applausos. Os espinhos, que foram tambem os louros de Christo, acceitei-os resignadamente como a justa colheita de quem só cardos semeiou nas leiras arrogantes da juventude. E as grammineas, estas guardei-as para soccorrer em tempo áquellas mesmas pessoas disperdiçadas, que me atiraram os seus cu-

stosos manjares, num impeto irreflectido de desnecessaria indignação.

Mas privados os *Solaus* da sua capa gloriosa, que eu não posso reproduzir nesta segunda edição, augmentada com outros novos trabalhos, nada restaria certamente ao insulso livrinho, se me não valesse ainda esta vez o amor posthumo d'esse grande coração affectuoso, que nem a morte conseguiu roubar ao meu intimo desvelo porque o eternizou no lacrimoso culto da minha saudade. Francisco Mangabeira: tu, que foste na terra a creatura que mais enternecidamente me amaste, com aquelle intenso amor de que só era capaz o teu meigo coração de jovem poeta, ainda virgem na sua estructura archangelica d'esses crueis golpes humanos que geram o odio, a maldade e o pessimismo; tu, que tão fundo penetraste os arcanos do meu ser, com aquella terrivel analyse que brilhava sempre nos teus lindos olhos de illuminado; tu, que foste com a tua delicadeza de lyrio o defensor audaz da minha intrepidez abatida; tu, que até sabias de cór os meus rudes versos, esquecendo os teus que são rutilos e harmoniosos como expressões naturaes da tu' alma candida; tu, irmão gemeo de Castro Alves, que morreste em pleno diluculo da juventude, tonto de gloria, no sonoro ambiente

dos teus proprios gorgeios, — acceita, d'essa altura astral onde pairares transubstanciado em luz, o offerecimento votivo d'estas pállidas estrophes, murchas flôres do meu ser, desfolhadas pela minha saudade sobre o evocativo silencio da tua campa.

C. D. F.

Genova, 1907.

DEANTE DE UM RETRATO DE CARLOS D. FERNANDES

« A audacia, o talento, a tibieza, a deslealdade e outros predicados que caracterisam este ou aquelle homem, tudo isso faz com que eu pense que em cada um de nós existe um animal que se disfarça sob a forma humana. E assim é que ha homens que são leões, aguias ou condores, e outros que são como as hyenas, as cobras, os vermes, os tigres.

Tendo feito Deus o mundo em seis dias, só depois que encheu os mares de monstros e riquezas, as florestas de sombras, arvores e feras, a terra de vermes, flòres e minas, e o céo de auroras e tempestades, é que, reunindo tudo isso, fez esta sublime monstruosidade: — o homem.

Sendo assim, o Senhor catalogou no intelligente e poderoso bipede todas as qualidades que espalhara

pelos outros animaes, tornando-o uma especie de indice do grande livro da creação.

E não é só moralmente falando que isto se dá, pois tambem quanto ao physico se observam estes curiosos mysterios, a que me estou referindo nestas linhas humildes.

Assim é que, ás vezes, de um rosto nobre irrompe, cheio de altivez e audacia, um nariz grande e energico, que parece um bico de aguia. Outras vezes, de uma cara sinistra, arroja-se um nariz curvo e irritante á semelhança de um bico de abutre.

Ha cabellos que são como jubas e outros como crinas, rostos cheios de rugas como os dos ursos, olhos inquietos e pequeninos como os dos ratos e outros largos, firmes e nobres quaes os do cão.

Eu podia aproveitar o ensejo para provar que, assim como os homens, que são animaes disfarçados, ha mulheres que são flôres que se transfiguraram. Tenho visto muitas cuja bôcca lembra rosas frescas, outras cuja cutis tem a pallidez das violetas, e estas que são tristes como as saudades, e aquellas tímidas como as sensitivas, e aquellas outras pomposas como as magnolias regias. O que é certo é que todas ellas, digo quasi todas ellas, têm o perfume, o brilho rapido, o matiz d'essas pequeninas joias de um dia que

ornamentam os prados e os jardins como borboletas paralyticas, dormindo entre a folhagem.

Mas deixemos as mulheres e as flôres, e voltemos aos homens e aos bichos.

Como eu ia dizendo, ha um outro animal neste animal — o homem, donde se conclue que, em cada homem, ha dois seres: um que se vê e outro que se não vê, ou melhor ainda: um que não fala e outro que esconde o pensamento falando, como dizia sabiamente Taillerand.

Estas idéas todas me acudiram ao cerebro deante de um numero da *Rosa Cruz*, que traz o retrato do nosso poeta — Carlos D. Fernandes.

Quem, como eu, conhece de perto este divino e endemoniado rapaz, cuja cabeça grega tem tanto de talento quanto de loucura — e elle é tão louco que até o é no coração criminosamente, generoso, tonto e grande! — quem o tem visto, com uma eterna gargalhada nos labios francos e uma alegria continua na face illuminada, de certo extranhal-o-á, nesse retrato, tirado ha dois annos, tamanha é a concentração e a tristeza sympathica que lhe espiritualizam o semblante. E esta pergunta virá então á bôcca de quem lhe contemplar a photographia que encima o celebre poemeto *Genese do Amor*... Mas este

rapaz de rosto piedoso é mesmo o auctor d'estes versos tão palpitantes de vida e tão cheios de luxuria? Como é que olhos tão melancholicos e tristes vêm, na abstração, scenas tão encantadoras de volupia, que elle descreve com tanto amor, enthusiasmo, carinho e arte?...

E é por isto mesmo que eu já disse uma vez que Carlos é uma contradicção, e hoje, comparando os homens aos animaes, não sei, não posso dizer qual seja o animal que nelle se accentúa.

Sim, porque o meu amigo é forte e bello como um cavallo selvagem; arrogante, audaz e generoso como um leão, manso como um cordeiro, canoro e indomesticavel como um rouxinol.

Ora, um homem d'esses é um demonio, e por isto se explica a febre com que o admiram esses briosos e doidos trabalhadores, que compoem no Rio a brilhante revista litteraria — R*osa Cruz*.

Esta é uma legião de spartanos, de que elle é o Leonidas inflexivel e unico. Lutam desesperados e stoicos contra a popularidade barata desses Xerxes litterarios que, em frente delles, páram com os seus poderosos exercitos, como deante de uma nova Thermopylas.

Páram e cáem, sujos de poeira e de sangue babando confundidos no mesmo chão que piedosa-

mente os recebe na sua queda, como as sepulturas aos cadaveres na sua podridão.

Talvez neste combate desegual, elles, os spartanos, sejam brutalmente esmagados pelo numero, e então o novo Leonidas, dirá, parodiando o seu glorioso homonymo, que *morreu, com os seus companheiros, em obediencia ás leis sagradas da Arte.*

E, então, com o perpassar das eras, elles, mais tarde, resurgirão do pó, aureolados e gloriosos, como os 300 bravos das Thermopylas, esmagados epicamente pela brutalidade numerica das tropas do rei da Persia, que se abateu, com todo o seu grande poderio, ante o patriotismo ainda maior dos gregos, da mesma forma que esses outros Xerxes ante o valor grego dos que vão apparecendo, cada qual mais forte e mais bello, na santa arena.

Mas não é mesmo Leonidas que Carlos D. Fernandes me recorda no valor com que se arremette na peleja contra os generaes sem cicatrizes, que commandam exercitos fanaticos de soldados sem garbo nem disciplina.

Elle assemelha-se mais a Horacio Cocles, o estupendo guerreiro romano, mas como o tenho deante da vista nos quadros de um pintor que não conheço.

Só, com os musculos retesados, a face accêsa

de divina energia, olhos fulminadores, narinas dilatadas, bôcca entreaberta pela respiração offegante, elle defende — sem mais ninguem! — a ponte do Sublicio prestes a ser atravessada pelo exercito de Porsena, que se detem assombrado deante d'aquelle homem sem um olho, que está mais formoso do que um Deus.

A physionomia do rei inimigo está atterrada. Elle fita de olhos assombrados e cabellos em pé o desespêro epico, inconcebivel, com que o romano sósinho affronta um exército inteiro, defendendo a passagem, emquanto seus companheiros, por detraz, cortam a ponte para, deste modo, impedir o transporte dos forças de Porsena.

Afinal cortaram-na, e o heróe, a nado, recolheu-se, são e salvo, a Roma.

Carlos D. Fernandes tem d' essas loucuras sublimes.

Os artigos seus produzem nos arraiaes litterarios um terror similhante, tão impetuosa e irreflectida é a sua bravura, que seria a de um louco, se não fosse de um predestinado.

Tem grande similhança a sua existencia, cheia de attribulações e de victorias, com a de Cruz e Souza, esse negro que ia morrendo á fome como

um escravo... elle! que era mais rico do que Cresus.

Quem quizer dar uma idéa de tudo quanto de extranho, deslumbrante e monstruoso vai pelo espirito de Carlos D. Fernandes, terá um trabalhão e nada dirá de certo, porque ficará perdido naquelle labiryntho inextrincavel, de que ninguem ainda póde descobrir o inexplicavel segredo.

O que sei é que o conheço muito e não o conheço nada, pois tanto mais me dou com elle quanto mais o extranho. O que sei é que elle é um enigma, um contraste. A's vezes é tão ingenuo e tão tímido como uma creança ou uma mulher, mas de repente se exalta, se transfigura, cresce, se eriça, grita, ruge, e então fica trémulo e grande como um gigante ou uma fera.

Quem pretendesse estudal-o, endoudeceria sem resolver coisa alguma. O seu espirito é azul como o céo e tumultuario como o inferno.

Mas ao céo é que eu o devo comparar, porque o firmamento é tambem cheio de contrastes. É delle que saem o dia e a noite; nelle desabrocham as madrugadas e a lua e rugem as tempestades indomitas; é o scenario onde representa, de tunica de chammas, esse maravilhoso artista — o sol, que dá

vida e mata, e onde se formam as nuvensitas de arminho, oiro e rosa e as pesadas nuvens de agua, que dão chuva.

Carlos é isto mesmo: bello e pavoroso, quasi a um só tempo; mas nelle, como no céo, as furias são raras e rapidas, e o commum é a calma, o azul estrellado, os cumulus, os cirrhus errantes.

Por isso quando eu, outro dia, conversava com elle na cadeia e o via altivo, de longos cabellos negros em desalinho, separado de mim pelos grossos varaes do carcere, abstrahi-me e vi ao longe, muito ao longe, entre nevoas, Sansão prisioneiro pedindo forças a Deus, e, depois, extraordinario e sublime, agarrar os pilares da prisão sobre a qual se banqueteavam os seus inimigos, sacudil-os mais, até cahir todo o edificio sobre elle, que morreu, matando os que odiava, vencido e vencedor. »

FRANCISCO MANGABEIRA.

Manaos, Novembro de 1901.

À QUERIDA MEMORIA

DE

FRANCISCO MANGABEIRA

COM INFINITA SAUDADE

E ENTERNECIDO CARINHO.

PRIMEIRA PARTE

AVE, TEMPESTAS!

A Fialho d'Almeida.

Sem Nathercia, sem Jáo, sem os loiros e a gloria
D'*Os Luziadas,* mas por uma velha historia,
A historia negra do meu sáfaro destino,
— Plano de Satanaz por consenso divino —
Eis-me Luiz de Camões, poeta das tempestades,
Num barco, sobre o mar, desfiando saudades,
Emquanto ruge a rouca voz dos vendavaes!...
Terras do meu paiz, como tão longe estaes!
Ó meu sol do Equador, ó meu céo de turqueza;
Ó palmeiras reaes, ó pulchra natureza;
Ó matta virgem das serpentes jaguares;
Campos verdes em flôr, lagos de nenumphares,
Onde a *Victoria régia* ao crepusculo assoma,
Abrindo aos astros o seu calice de aroma!...
Poentes incriveis d'esmeralda e de violeta!
Quizera em vós molhar meu cálamo de poeta,
Nesta hora afflicta de tormenta em pleno mar.

Ó São Lourenço, vinde os ventos acalmar!
Neptuno, ó deus pagão d'estas equoreas plagas!
Surge no turbilhão colerico das vagas,
E, como outr'ora ao duro Ulysses forasteiro,
Faze-me ver o teu aspecto alviçareiro,
Compondo o iroso mar, de tridente na mão...
Ah! como se me aperta o viuvo coração,
Que assistiu sem temor á fome, á peste e á guerra,
Neste immenso covão aquatico da terra,
O Golfo de Lyão!.. Que tenebroso abysmo!
Não ha coragem fria ou sanhudo heroismo
Que se não curve ante o espectaculo d'este horror:
Os ventos todos em satanico furor
Dedilham cantos-chãos na harpa das cordoalhas;
E, qual monstro colhido em sobrepostas malhas
De uma rêde sem fim, que se alarga e distende
E que o enlaça melhor quando mais se desprende,
Tal, nas ondas, a nau, em demanda do rumo,
Bufando para a treva o seu hausto de fumo,
Com fragor estalando as juntas colossaes
Contra os bramantes vagalhões e vendavaes,
Torres d'agua a ferver, rochas macissas de ar,
— Singra aos boléos o dorso concavo do mar.

***

Como é fragil, meu Deus, o inflado peito humano!
Basta-lhe este esplendor horrifico do oceano;
Uma onda a brincar na fralda de um rochedo,
Porque elle se retraia e palpite de medo,
Sobresaltado como trémula creança,
Só no vosso poder concentrando a esperança.
E eu, Senhor, que heresiarca! ha quasi um mez
Que não escuto o vosso nome em portuguez,
Pobre andarilho exul em terras extrangeiras!...
Meu Deus, reconduzi-me ás plagas brasileiras.
Que me importam Milão e as agulhas do Duomo,
Os Frescos de Da Vinci e as paysagens de Como,
Se, embora as creações magnificas da arte,
O mundo é sempre vão e egual por toda parte?!...

***

Antes Belém sobre o seu rio somnolento,
Entre palmares destrançados pelo vento;
Santa Maria de Belém, a flôr do norte,
Princeza de Judá, erguida pela cohorte
De um guerreiro varão, filho da raça iberica,
Que a fundou, por seu Rey, nesse valle d'America.
Alli ao menos não se vive atropelado

Por humanas legiões, que enchem de lado a lado
As ruas, nesse afan de disputar a pão.
Nesse horto arboral, é mais dôce a illusão
De viver. Tudo alli é simples e modesto.
O amor é natural, um sentimento honesto,
Filho de uma affeição reciproca e leal.
O beijo é um como voto, é um sêllo immortal,
Que eterniza no mundo o consorcio das almas.
Mesmo as proprias paixões são meigamente calmas:
Brados sentimentaes da vontade imperfeita,
Coisas que o sangue gera e que o tempo endireita.

***

Ah! quem me dera o teu repoiso socegado;
O panorama verde-crome do teu prado,
Onde os negros anuns piam, catando a relva.
O matto bravo, o virgem bosque, a escura selva,
Lar de Moemas, das indigenas Ophelias,
Que por falta de lyrio esfolharão bromelias
Nos lagos turvos e igapós do Rio-mar,
Em que não morrerão,... porque sabem nadar.
Dae-me o vosso condão, sirenicas princezas,
Flôres humanas, que fluctuaes nas correntezas,
Porque me não devore este ululante pego!...
Fico dentro no mar um verdadeiro cego.

Deve ser muito triste um cego a se afogar!
Ó minha santa Iria, ensina-me a nadar.
Dá-me o teu manto constellado, ó santa Iria!
Tenho frio de horror, toda minh'alma é fria.
Bem vês: não tenho mãe, dá-me um beijo materno,
Não me deixes morrer neste aquatico inferno,
Lyrio do mar, *Fœderis arca* hospitaleira,
Padroeira tutellar dos naufragos, padroeira
D'esta minha afflicção horrifica e sem termos!...
Manda um raio de luar a estes equoreos ermos,
Ó meu São Carlos, meu heroico rei de França!
Accende com teu gladio o pharol da esperança;
Com o teu sceptro real aplaca-me estes ventos,
Porque eu aporte salvo aos páramos nevoentos
Da patria de Colombo; e corra a Annunziata,
Para purificar esta minh'alma ingrata;
Este monstro que habita o meu vil coração,
Sem luz, sem Deus, sem fé, sem paz, sem contricção!...
Este pouco immortal e animico do Nada,
Consciente perfeição no meu ser consummada,
Que só movida pelos brutos escarcéos
Se prosternou contricta em presença dos Céos.

Bordo do *Gouverneur*, sobre o Golfo de Lyão, 9-1906.

JULIETA E ROMEU

(PARAPHRASE ANTITHESICA)

Musicada por José Martins

A sombra de Julieta apparecendo no balcão e distinguindo entre as sebes o vulto de Romeu:

Ah! quanto tempo faz que nós nos separámos!
Cantavam rouxinóes nestes combustos ramos,

Era tão lindo o céo e estas sebes em flôr
Tinham sob o luar emanações de amor.

Eu te pedia a soluçar que tu ficasses
E num beijo profundo, as nossas brancas faces

Uniam-se tal qual duas rosas de abril,
Dois lyrios esponsaes juntos no mesmo hastil.

Vinhas, pé ante pé, palmilhando os canteiros
E desfolhavam-se os floridos jasmineiros,

De uma neve aromal recamando-te o chão.
E eu sozinha a esperar no dezerto balcão

O momento fugaz do teu primeiro beijo.
Como recordo bem, como ainda te vejo

Trémulo de paixão, soluçando aos meus pés.
Como mudaste assim? És tu mesmo? Não és.

De onde vens tu, Romeu, tão coberto de gêlo?
Como está branco, branco o teu loiro cabello!

E os teus olhos?! Quem poz cinza nos olhos teus?!
Tu velho, meu amor! Santo Deus, santo Deus!

O FANTASMA DE ROMEU
surgindo d'entre as sebes, muito velho na sua mortalha andrajosa:

Deixa-me descançar, Julieta querida!
Ah! quantos sonhos vãos, quanta illusão perdida!

Desce, meu santo amor, desce d'este balcão!
Soergue-me do pó, vem-me extender a mão!

Vês: teu pobre Romeu, este esqualido monge,
Que transpoz solidões, veiu de muito longe,

Para te vêr, para sonhar ao pé de ti.
Como estás bella tu! Senta-te aqui, aqui,

Perto do teu Romeu, do teu goivo fanado,
Sombra immaterial, fantasma do passado,

Fugido á noite do silencio tumular
Para chorar comtigo e comtigo evocar.

Ó Julieta, como é fria a face tua...

JULIETA:

É o frio da noite, é orvalho da lua.

Esconde-me, Romeu, sob o teu manto, assim.
Ó cerra-me estas mãos, fita os olhos em mim;

Esses teus olhos, meus funestos soberanos,
Causas do meu amor, fontes dos meus enganos!

ROMEU
cobrindo-a com os farrapos da mortalha:

Tens frio, meu amor? Envolve-te tu só
No meu rôto gibão, neste manto de pó.

Solta por sobre o collo os teus lindos cabellos;
Volta-te para mim, deixa-me desprendel-os.

reparando na caveira de Julieta:

Tu fantasma também, tu morta, como eu!
A sombra de Julieta e a sombra de Romeu!

Ó quem previra, ó quem julgara, ó quem dissera
Que esse teu corpo d'alvorada e primavera,

O teu sorriso, a tua graça, o teu olhar,
O teu collo de rosa e de neve polar,

As tuas mãos, o teu regaço e as tuas pomas,
Duas taças carnaes transbordantes de aromas,

Toda a harmonia idéal do teu virgineo sêr,
Iriam, como eu fui, na terra apodrecer,

Sentindo sem falar, sob a escura humidade,
Da perfeição extincta uma funda saudade!...

JULIETA *encostando-se á sombra de Romeu:*

Tudo acabou, tudo passou, tudo morreu!
Ó enlaça-te a mim, fantasma de Romeu!

Mortos! mortos! porém o nosso amor não finda.
Beija-me sempre, assim; beija-me mais ainda.

Acho nos beijos teus um terreno sabor.
É da cova?

ROMEU:

Talvez...

JULIETA:

Beija-me mais, amor!

Beija-me ás pressas porque o dia se levanta.
Nos olmeiros, ao longe, a cotovia canta

E a aurora tinge d'oiro o celeste arrebol.

ROMEU *enlaçando-a:*

Não canta a cotovia; é a voz do rouxinol.

Mas seja cotovia ou rouxinol, que importa?
Romeu fantasma quer a Julieta morta,

E contra o nosso amor todo poder é vão.
Agora, pode vir o diurno clarão.

Fiquemos a scismar nestas verdes alfombras,
Porque desfaz a luz ao contôrno das sombras,

E podemos então, libertamente, errar
Imponderaveis como a luz e como o ar;

E fundidos os dois nesta immortal essencia,
Através do não-ser, e da humana existencia,

Amarmo'-nos á luz crystallina do sol,
Quer cante a cotovia ou cante o rouxinol.

Verona, 1907.

FESTA PAGÃ

A Arthur Lemos.

Se fossemos os dois gregos de nascimento,
Dois arcades pagãos d'esse eterno momento
Que Péricles encheu de esplendor immortal,
Quando o mar Jonio tinha bancos de coral,
Em que se embaraçava a madeixa de Venus;
E em tôrno aos quaes, ouvindo os gageiros hellenos,
Vinham juntas em côro as Nayades cantar;
Se foramos os dois pilotos desse mar,
De onde Ulysses largou para a guerra troyana,
Eupátridas reveis á indole espartana,
Que visava abater a Acropole de Zeus,
— Serias o Damão dos hemistychios meus.

Iriamos os dois coroados de acanthos,
Envoltos a scismar nos nossos largos mantos,
Fluctuantes ao vento, á maneira de Orpheu,
No alto Pindo tanger o bárbiton de Alceu,

Acomphanhando o côro ás Dryades formosas,
Que viriam tambem coroadas de rosas,
Por graça tutellar de Polymnia gentil,
Celebrar gregamente esta manhã de Abril.

Iriamos beber na fonte de Castalia,
Na taça de Hebe ou nas mãos roseas d'Acidalia,
O sagrado licor dos poetas pagãos;
E assim, talvez, o fel dos nossos dias vãos
Não nos amargurasse e envenenasse tanto.
Nas volutas subtis do nosso proprio canto,
Como o aroma da flôr nas correntezas do ar,
Nossas almas irmãs iriam fluctuar
Nos remotos confins d'outras eras passadas;
Nessas heroicas e festivas madrugadas
Do mundo; quando a força, a formosura e o amor
Exornavam, luzindo, o claro resplendor
Dos antigos heróes, philosophos e poetas,
Grandes marcos senis d'essas antigas metas.
Ah! nesse tempo, a vida era a doce expansão
Da harmonia do ser sob a luz da razão.
Era mais simples e mais logica a verdade,
Sem requintes subtis, toda simplicidade:
Uma linda mulher, de olympica esveltez,
Expondo a carne em flôr, na mais franca nudez,

Sem recatos banaes, sem postiços refolhos,
Tendo apenas um véo sob o luar dos olhos.
Podia-se, afinal, francamente viver,
Dilatar, ampliar a musica do ser,
Indefinidamente e harmoniosamente. . .

Essa expansão vital, que hoje se não consente,
Esse modo de ser dos gregos immortaes
Era o que nos convinha a nós, dois inactuaes,
Velhos bardos pagãos, das epocas de outr'ora;
Para irmos ahi, por esses campos fóra,
Bebendo o ether azul do ambiente rural,
No pantheismo d'esta flora equatorial,
Ou na sombra ancestral das arvores antigas,
Entre singelas e formosas raparigas,
Como hellenos zagaes, de frauta pastoril,
Celebrar gregamente esta manhã de Abril.

ROMANCERO

Á MANEIRA DO SECULO XV

I

Senhora! que mal vos fiz
Que de tal guiza me olhaes?

De giolhos minha humildade
Sempre esteve aos vossos pés;
E preso-me o mais devoto
D'entre os vassallos fiéis.
Lamento o motivo ignoto
Que vos afasta de mim;
E reputo-me infeliz
Porque me trataes assim.
Com os vossos olhos não diz
Rancor de maneiras taes.
Senhora! que mal vos fiz
Que de tal guiza me olhaes?

II

Ó D. Ruy se assim vcs trato
É que me assiste a razão.

Ereis o amor do meu peito
E eu captiva d'esse amor.
Deixei os mais cavalheiros;
Odiei Damas de honor.
Por vossos olhos fagueiros
Os meus proprios esqueci.
Custou-me tanto o recato
Dos ciumes que então soffri!
Cavalheiro! sois ingrato,
Não vos dou meu coração.
Ó D. Ruy, se assim vos trato
É que me assiste a razão.

III

Cegae-vos, olhos malditos,
Que magoaes Dona Leonor.

Antes eu cego nascera,
Cego de alforge e bordão!
Ó quanto melhor me fôra
Tactear na escuridão!

Não vos maguara, senhora,
Por causa do meu olhar!
Bemdigo os cegos afflictos
Que apenas podem chorar.
Ó Senhora dos meus ritos!
Princeza do meu amor!
Cegae-vos olhos malditos,
Que magoaes Dona Leonor.

IV

> Vossos olhos são dois cirios
> Accêsos no meu altar.

Não, não fôram vossos olhos
A causa d'este amargor.
Buscae na vossa memoria,
Cavalheiro trovador.
É muito longa essa historia
Do que hei soffrido por vós:
Um val de goivos e lyrios
Que eu rego chorando a sós.
Ó fontes dos meus martyrios!
Banhae-me no vosso olhar.
Vossos olhos são dois cirios
Accêsos no meu altar.

V

Fique eu mudo eternamente
Se por palavras pequei.

É o silencio eternidade
E a palavra tempo vão;
O verbo trahe os segredos
Que moram no coração.
Mares, rochas, arvoredos
E céos não sabem falar.
Falam de um modo latente
Céo, rochedo, arvore, mar.
Ó senhora descontente,
Por phrases que enunciei!
Fique eu mudo eternamente,
Se por palavras pequei.

VI

Nem morto por lança moira
D' esse mal me pagareis.

Fundas noites de vigilia,
Sinitras horas mortaes,
No meu fuso de saudade
Tecendo suspiros e ais;

Tudo por vossa amizade
Quando fôstes batalhar!...
Sinto que até me desdoira
Tanto chorar, tanto amar!
Cortei minha trança loira
Por cingir vossos laureis:
Nem morto por lança moira
D'esse mal me pagareis.

VII

Com o ferro da minha lança
Trespassae-me o coração.

Adeus, batalhas vencidas,
Sangrentes, murchos trophéos,
Cavalgadas ao relento,
Montanhas, campos, adeus!
No meu turvo firmamento
Minha estrella se apagou.
Finou-se a minha esperança.
Eis que aos vossos pés estou,
Senhora! Sem mais tardança
Matae-me por vossa mão.
Com o ferro da minha lança
Trespassae-me o coração.

VIII

Se a vossa morte me mata,
Causando-a devo morrer.

Quizera que fosseis puro
Como a luz clara do céo;
Que só me amasseis na terra,
Que fosseis puro e só meu.
Chorando dei-vos á guerra,
Para que o vosso valor
Fosse um halo de oiro e prata
Na fronte do meu amor.
Quero-vos vêr, alma ingrata,
Sob os meus pés fenecer.
Se a vossa morte me mata,
Causando-a devo morr ..

IX

Meu coração trepassado
Bemdiz a mão de Leonor.

Ó crime que eu não confesso,
Peccado sem remissão!
Ó lealdade fementida
D'este infiel coração!

Ó taça de oiro da vida
Cheia de aromas e mel!
És negra por meu peccado,
És negra e sabendo a fel.
Em sangue quente afogado,
Cantando um hymno de amor,
Meu coração trespassado
Bemdiz a mão de Leonor.

INSIGNIS DEA

A Celso Vieira.

A minha amada é compatriota de Laura,
Da Beatriz do Dante e da ingenua Graziella
De Lamartine, embora o seu typo de maura
A faça parecer de Granada ou Castella.

Lembra-me uma descendente aventureira
D'aquelles principes heróes da Idade Media,
Os senhores feudaes d'essa Alhambra altaneira,
Que galopavam nos corceis a toda redea,

De lança em punho e de albornoz fluctuando ao vento.
É alta e esvelta como a Torre de San Tiago;
Branca como a açucena entreaberta ao relento,
Capciosa e subtil como a filha de um Mago.

Ha nos seus olhos imperiaes, de longos cilios
Uma extranha expressão de aventuras passadas,
De tragicas paixões, de funestos idyllios,
Com epilogos de honra e armas ensanguentadas.

A sua fronte varonil, formosa e branca,
Sob o lurgo chapéo com altos pennachos pretos,
Faz-me suppôr algum rapaz de Salamanca
A esta archineta singular dos Capuletos.

Tem qualquer coisa de Penelope androgyna
Esta circe fatal, misto de archanjo e fera,
Que sorrindo bordou no tear da minha sina,
Presa em rijos grilhões, uma alada Chimera.

Manam da sua voz os philtros de Acidalia
E toda ella é uma torrente de harmonia.
Sêde bemdictos, céos pulcherrimos de Italia,
Ó ninho azul d'esta exilada cotovia!

Ó céos de Italia, como agora vos procuro!
Nesse infinito igual, céos de Italia, onde estaes?
Vento, meu porta-voz, ouve-me o que murmuro:
— O seu nome, o seu nome, entre soluços e ais.

MALVA

Malva! como serás, minha filha innocente?
Malva! musa infantil do meu estro pagão!
Meu amor paternal de tão longe presente
Que has de ser bella como as vides do Marão.

Não te conheço, ó videirinha lusitana,
Mas pouco importa ao caso o te não conhecer:
Eu tenho coração, tenho piedade humana,
E assim de longe amar-te é um sublime dever.

Tu és a rosa temporã da meu destino,
Unica e tenra flôr do meu triste vergel.
E has de ser o meu bordão de peregrino
Quando eu velho fugir do mundano tropel.

Serás então uma formosa rapariga,
De olhos trigueiros e de labios de coral;
Sempre ao meu lado fiando uma candida estriga
Como as tricanas d'esse lindo Portugal.

Recitarás Camões e o sagrado Evangelho,
Has de saber de cór toda a *Oração á luz;*
E assim alegrarás meu coração já velho,
Amando Portugal, o universo e Jesus.

Contar-te-ei longamente o romance de Ophelia,
Os combates de Ceuta e de Alcacerkibir;
E tu me escutarás, meiga como Cordelia
Compondo as tranças desnastradas do Rei Lear.

Evocarei chorando a musa israelita,
Porque renasça em mim o estro de Salomão;
E comporei para tua voz de Sulamita
Um fado heroico sobre el-rei Dom Sebastião.

Em vindo a noite, cantarás perto do lume,
De perfil afogado em teus negros bandós;
E o teu canto errará como um doce perfume
Em tenues espiraes suspensas sobre nós.

E ao magico poder d'essas canções magoadas,
Que eu, velho menestrel, trémulo, comporei,
Perpassarão por mim em placidas revoadas
Os sonhos vãos da juventude que sonhei.

E todo o meu amor concentrado e profundo,
Nascido do respeito e emoção paternal,
Sem um laivo sequer das torpezas do mundo,
Mas limpo como a luz, puro como um crystal;

Aos olhos me affluirá num pranto arrependido,
Que ha de correr como um regato pelo chão,
Até que hajas emfim, Malva, comprehendido
Que eu não mereço o teu amor e o teu perdão.

O FILHO PRODIGO

A Maria Amalia Vaz de Carvalho,
a genial interprete de Hall Caine.

—

The moving Finger writes: and having writ,
Moves on:
* * *

...E quedei-me a scismar no meu destino,
No mal que hei feito e o muito que hei soffrido.
Só agora, tão tarde, é que imagino
O como sou e o que teria sido.

Ainda na infancia, quando pequenino,
Entre vergeis de rosas conduzido,
Já tinha fel meu coração menino
Dos encantos pueris despercebido.

A juventude foi-me um negro assedio
De anhelos vãos pela sonhada gloria,
De quebrantos mortaes e horas de tedio

Tentei a escarpa em fogo da victoria,
E só trouxe da pêrda sem remedio
Desillusões, remorsos na memoria.

II

Por vezes quiz oppor a erea vontade
Aos designios fataes da minha sorte:
Porem tudo illusão! Na tempestade,
Não basta o leme á nau possante e forte.

Que me valera a intrinseca piedade,
Temor de Deus e impavidez da morte,
Se é minha singular finalidade
Este nutar sem bussola e sem norte?!

Como expungir a nitidez horrenda,
Que « a mobil mão que escreve e passa avante »
Quiz imprimir á tragica legenda

Do meu destino?! — esse pendor constante
Para um êrro cruel, que não se emenda,
Poisque a mão que o traçou já vae distante.

BEATRIX MEA

A Aurelio de Figueiredo.

Filha de Satanaz, Arte maldicta.
CRUZ e SOUZA.

Tudo em mim se reduz a pensamento:
Bem e mal, gloria, amor, felicidade.
Minha tristeza e meu contentamento
Vêm de uma incerta e unica saudade;

Pois vivo no forçoso apartamento
De certa esquiva e olympica beldade;
E evocando-a consolo o meu tormento
E essa pungente e tácita anciedade.

Somente em vagas scismas a entrevejo;
E em vão quero reter, conter nos braços
Essa fugaz visão do meu desejo.

Um ser que não e ser, de aereos traços,
Mas que eu presinto, num subtil adejo,
Baixando sobre mim, d'outros espaços.

II

EPITHALAMIO

Não tardes que o meu thalamo te espera,
Beatriz, Beatriz, meu casto amor!
Ri dos céos debruçada a primavera,
Semeando flôres pelo campo em flôr.

Teu influxo o meu animo tempéra
E afloro d'esse apathico torpor,
Quando, nas tuas garras de Chimera,
Todo estremeço de emotivo ardor.

Entre as pompas nupciaes da natureza,
Ó minha santa e mystica Thereza,
Vem-te crucificar nos braços meus!

Vem, casta Sulamita, ao noivo amado,
Que no mutuo anceiar d'este noivado
Freme e palpita a genese de um deus.

III

PULVIS

Basta! Não mais, que sinto a alma dorida
Aos teus beijos de fogo e aos teus abraços,
Vibrando, desfazer-se em mil pedaços,
Como sonora cithara partida.

Ah! quanto amor, quanta emoção perdida!
Que fallaz a prisão d'esses teus laços!
Deixa a retina dos meus olhos baços,
Ó sucuba e silente Margarida!...

Que as minhas quentes lagrimas escorram.
E que os meus sonhos orvalhados morram
Sobre a gerada e fria imperfeição!...

D'esse ardente noivado que nos resta?
— Uma tristeza livida e funesta
Amortalhando a ultima illusão.

TEDIUM TENIÆ

Ao Dr. Antonio Marçal.

Um tedio verde e uma sinistra hypocondria
Minavam de amargura os meus dias mortaes.
Pessimismo ou Amor? Arte ou Philosophia?
— Era uma Tenia solitaria e nada mais.

E eu nem siquer de tal cousa me apercebia.
Ó apparencias vãs, como nos enganaes!
Eu, em plena eclosão da vital energia,
Devorado em meu ser por helmynthos fecaes!...

Quem tal dissera, assim vendo-me sobranceiro,
Farfalhante e feliz como um rijo pinheiro,
Filho da solidão, principe vegetal?!...

Ah! mas tambem a vós, arvores, vos devora
O xilophago roaz, que se gera e que mora
No caule, de onde brota o cheiroso copal.

...QUONIAM ARTIFEX

Ao amado Celso Viera, para que se compenetre dos meus juizos sobre Spronceda, Rostand e outros habeis versejadores.

A poesia é o meu sacro e augusto pontificio,
Jamais levita, algum d' esta ou d' aquella parte
Mais sincero pregou no altar do sacrificio
Do que eu reso a sonhar na ara excelsa da arte.

Um poeta é para mim como um idolo santo,
Amo-o, com todo o amor de um crente fervoroso.
Um verso singular faz-me o doce quebranto
De um beijo virginal num sultão vigoroso.

A idéa rara e nobre em que a fórma se enlaça,
Qual num tronco robusto um ramo de videira,
Nas minhas emoções cariciosa perpassa
Como num claro céo a asa d'aguia altaneira..

Na engrenagem subtil das rimas caprichosas,
Onde a esthesia em flôr no vocabulo canta,
Eu escuto o rumor de uma chuva de rosas,
Que num doce torpor meus tympanos quebranta.

Só me sinto viver quando, num livro aberto,
Me extasio a scismar noutros mundos ignotos,
Repletos de visões, grandes como um dezerto,
Onde os oasis são virgens moutas de lothus.

Mas, quando se me antolha um verso mal talhado,
Um periodo mau, sem volupia e sem fórma,
Um hemistichio frouxo ou vilmente ajustado
Aos decretos banaes, mediocres da norma,

Sem a curva pagã que a Arte lhes empresta
E a musica vivaz que as palavras perfuma,
— Rujo como um leão, que, por invia floresta,
De indomavel rancor pelas fauces espuma.

E raivoso afinal como o bravo felino,
Que potente e voraz feras brutas derruba,
Quando alguma se oppõe ao seu berro leonino,
Que lhe inflamma a pupilla e lhe desnastra a juba,

— Tenho no verbo revoltado e inexhoravel
Tremendos vendavaes de imprecações e de asco,
E a minha raiva cae sobre o poeta execravel
Como num valle humilde um tremendo penhasco.

Falo, esbravejo, rujo, impreco e clamo e grito,
E não meço ninguem que ao meu verbo resista,
Porque somente assim ama e presa o seu rito
Quem se reputa um deus porque se sabe artista.

VÃS AMEAÇAS

Contra a soberba opõe tua humildade.
JESUS

Quero-te querer mal porque me queiras,
Já que te bemquerendo me não queres;
E, ao envez d'estas supplicas fagueiras,
Serei austero e mau, se assim quizeres.

Não credites palavras embusteiras,
Pois enganam tambem que são mulheres,
Não; que eu munca terei bruscas maneiras,
Por mais que aos rogos meus surda estiveres.

Como te hei de ser eu irreverente
Se és dos meus votos a dilecta imagem,
Se bem que aos votos meus indifferente?

Para te querer bem, doce coragem;
Para te malquerer... alma impotente,
Foge, foge ao cairel d'essa voragem.

AO MEU QUERIDO ASSUÉRO

Se eu morresse aqui distante,
Deixando o celeste trilho,
Minh'alma iria offegante
Primeiro beijar-te, filho!

Porque és o sol pequenino,
De brilho intenso e fecundo,
Que alumia o meu destino
Nos ermos invios do mundo.

Mesmo através as distancias,
Para est'alma és como o orvalho
Que revivesce as fragancias
Da flôr pendida no galho.

Meu ser avaro te encerra
Com cuidados extremosos,
Bem como o seio da terra
Esconde os metaes preciosos.

Tal como as visões de eleito
Que moram nalma de um monge,
Vives tão dentro em meu peito
Que eu nem sinto que estás longe.

Sou como um lago entre fragoas,
Todo eriçado de escolhos,
Que só reflecte nas aguas
A doce luz dos teus olhos.

Em vão abrasam-me a face
As dores de um pranto esquivo:
Se a noite da aurora nasce,
Da tua essencia é que eu vivo.

Só não terás os affagos
D'este teu pae forasteiro,
Ó minha Estrella dos Magos,
Se te apagares primeiro.

Mas, se acaso te apagares,
Ó luz da minha existencia,
Eu — lago sem nenumphares —
Não mais terei refulgencia.

Eu — triste noite apagada —
Se findares, sol risonho,
Serei — cupola do nada,
Cobrindo o esquife de um sonho.

Serei como um continente
Num esteril pesadêlo,
Evocando a luz fulgente
Sob montanhas de gêlo.

Mas tudo isso é vã chimera!...
Ainda te hei de ver, ao certo.
Quem impede á primavera
De fecundar um dezerto?...

Quem é que o fulgor esfuma
Da aurora que o ceu recama
De luz, surgindo da bruma,
Como uma rosa de chamma?...

NIHIL

Lyra quandoque fracta et abscondita,
Quod carmina est in mente habeo.
Requiesce nihil, cor laceratum,
Bonorum omnium tacitè immemor.

Ó desgraçado estro meu,
És como a flôr parasita,
Que brota a despeito seu
De uma arvore maldicta,
Que ao sol de Abril feneceu.

Musa, eu rojo-me a teus pés,
Sepulta-te em meu segredo,
Não me sejas, por quem és,
Como foi para o rochedo
O cajado de Moysés.

Ó deixa-me sempre assim,
Nesta impassivel postura
De quem espera o seu fim
Encostado á sepultura,
Sombrio como Caim.

Não me venhas perturbar
Meu nirvanico lethargo.
Ó deixa-me á sós tragar
O fel d'este sonho amargo.
De que me serve cantar?....

Meu ser não te causa dó?
Deixa-me, musa, portanto:
— Rei Lear coberto de pó,
Triste arrastando o seu manto,
Calado, soturno e só.

REGINA PERPETUA MARIS

A. D. Missinha Paiva Coelho.

Não vos conheço já, Neptuno iroso,
Velho sultão das nymphas do Oceano,
Já não sois, como outrora, um soberano
Dos vossos reinos gelidos cioso.

Morreu acaso o vosso amor insano
Tão das meigas ondinas carinhoso,
Tendes algum tritão aventuroso
Que vos ande movendo amargo damno?!

E entre soluços volve o deus magoado:
— Bem sei, bem sabe este meu peito irado
De uma *ondina* infiel falas-me agora...

Ella se foi... porém mesmo esquecida;
Dos verdes mares de que foi nascida
Inda é mais soberana do que outr'ora.

AD ALIQUEM

Que viver triste e vasio
Como eu me sinto tão só:
Sou como um cardo sombrio
Que os ventos cobrem de pó.

Que solitaria existencia,
Parece um ermo Thabor,
Onde em vão pede clemencia
Um Christo louco de amor.

Magdalena com teu nardo
Unge-me os sangrentos pés;
Vem pousar no triste cardo,
Ó pomba de ermos vergeis.

Nesta cruel soledade,
Onde por ti clamo em vão,
Como um abysmo, a saudade
Vae-me tragando a illusão.

O sonho é o doirado pego
De onde a vida jorra a flux:
Como ha de viver um cego
Que sente extinguir-se a luz?

Ó pomba, espaneja as asas,
Deixa o teu ninho tambem,
Percute as celestes gazas,
Rompe as distancias e vem!

Vem, vem, antes que eu pereça,
Vem, anjo amado, fazer
Que o meu sonho refloresça
Nos despojos do meu ser.

ODE ROMANTICA

Entre duas mangueiras rumorosas,
Onde as aves repousam fatigadas,
Como, á sombra dos lyrios e das rosas,
As abelhas douradas;
Entre duas virentes sentinellas,
Que ciosas os ramos entrelaçam,
Protegendo as janellas,
Por onde os ventos lubricos perpassam,
No fervoroso anceio
De te beijar essa coifada trança,
Essa enroscada serpe, em cujo enleio
Dorme presa de amor minha esperança,
— Ergue-se a tua casa, recolhida
Como uma cella de piedosa freira,
Que vivesse num extase, esquecida
Do mundo vario e da mundana poeira.

Ah! é nesse claustral recolhimento
Que a minha deusa mora:

A minha estrella exul do firmamento,
A minha pállida e exilada Aurora.
Contemplo-a sempre quando a noite desce;
E offusca-me o pallor da sua face
Tanto, que se ella foge me anoitece
Nalma, como se o mundo se apagasse.
Quando a não vejo, ó magua!
Erro por entre as arvores absorto
Como um barco que desce na flôr d'agua,
Levando a bordo um solitario morto.
Porém se a vejo, fico mudo e cego
E indeciso vagueio,
— Batel perdido por nocturno pego
Com monstros podres no gelado seio.
De sorte que nem sei como decida!
— Para sempre esquecel-a?
Porém, como no occaso desta vida
Tapar a luz de uma dourada estrella?!
Antes sempre indeciso
Entre a ver e a não ver, vendo-a no entanto;
Antes ficar sem alma e sem juizo
Neste amoroso e dulcido quebranto;
Nesta amarga delicia
De em vão querer e de ambular sem tino,
Sob a lustral e tépida caricia

Do seu olhar narcotico e divino.
Ficarei consolado
Só de a vêr sem querer que ella me veja;
Serei como um insecto desgraçado,
Que á luz do sol as asas espaneja.
-- Verme na terra a me enroscar de rastro —
Que mais posso querer?
— Ter o calor da tua luz, ó astro,
E amortalhado nessa luz morrer.

L'AIGLE DÉCHU

> Le poëte est semblable au prince des nuées
> Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
> Exilé sur le sol au milieu des hués
> Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.
>
> C. BAUDELAIRE.

A Olavo Bilac.

I

Ah! taciturno Phebo amortalhado
No mortuario esplendor de um triste poente!
Foi-se o estro solenne e arrebatado
Que em teus versos cantou sonoramente.

Já não mais sinto essa emoção fremente
Que era o segredo do teu verso alado!
No remigio trahiu-te a asa impotente,
Altivolo condor do céo tombado!

« Sarças de fogo », em comburentes brasas,
Onde augustas visões appareciam,
Foram teus versos. Com traidoras asas,

Da « Via lactea » aos páramos subiste...
E, quando olhos mortaes já te não viam,
Eis que no pó, de súbito, caiste!...

II

Nem a queda de Phaetom, com certeza,
Foi dos deuses do Olympo mais chorada!...
Tu caiste de voar, aguia arrojada,
Phaetom caiu de inopia e de affoiteza.

Ó Polymnia, que foste enamorada
Do principe, que Erato em versos presa
Sempre trouxe, magoando a singelleza
D'essa chorosa Clio menospresada;

Faze das tranças compassivos nastros,
Para cingir as asas descaidas,
Que se queimaram no calor dos astros.

Consolem-te as estrellas esquecidas,
Em que deixaram luminosos rastros
Essas heroicas asas comburidas.

ANTE UM RETRATO DE LEOPARDI

Ao Mario Cataruzza.

Rôxo e fanado lyrio da tristeza
Numa estufa de tedio florescido,
Ó beduino lunatico, perdido
Pelas trevas de sáfara deveza!

Como é travoso o fel do teu gemido,
Como é profunda a excelsa singelleza
Do teu estro a chorar desilludido
Sobre as pompas mortaes da natureza.

Humano deus de incognitas origens!
Ah! como eu sinto as tragicas vertigens
Que enchem teus olhos languidos de pranto.

E ante esse teu perfil de anjo perjuro,
Como eu contricto a te adorar murmuro:
— « Virtu non luce in disadorno ammanto. »

ARETHUSA E ALPHÊO

O rio Alphêo deslisa entre um basto arvoredo,
Suspensas em docel, as ramagens umbrosas
Resguardarem parece os gélidos segredos
Que soluçam, fluindo, as aguas marulhosas.

Pelo agreste caminho enlaçado de flôres,
Que parte lá de além, da farfalhante selva,
Chega Arethusa e pousa entre os baixos verdores
Dos sombrios moitaes, da setinosa relva.

A nympha como está, nua do corpo inteiro,
Indolente e formosa a repousar na sombra,
Lembra um pomo glacial, cujo ineffavel cheiro
Perfumasse em redor toda a rórida alfombra.

Depois, vem-se chegando ás aguas transparentes,
Que, ao sentirem seus pés, num descuidoso affago,
Num extase de amor vão parando as correntes...
E fica o rio Alphêo immovel como um lago.

Um alvo lyrio a boiar na fria correnteza
Arethusa a banhar-se á flôr d'agua parece;
E, enlaçando o pallor d'essa estranha belleza,
Todo o rio entre as mudas ribas estremece.

E quanto mais a nympha entre as aguas collêa,
Sensualmente gozando as caricias do frio,
Como a onda a lamber um dorso de sereia,
Mais a deseja e lambe a volupia do rio.

Já não podendo mais supportar a tortura
De Arethusa embalar em seu frígido seio,
Sem a beijar na bocca ou cingir-lhe a cintura,
Na humana sensação de um reciproco enleio,

O rio Alphêo então em homem se converte;
E, em querendo abraçar a nympha que o fascina,
Escapa-se a zombar do seu poder inerte,
Nua e bella correndo, Arethusa divina.

ORAÇÃO VESPERAL

Ao Missionario Apostolico frade Dr. Julio Maria.

I

Virgem Mãe de Jesus casta e piedosa!
Seja-me o teu amor extremo porto
Se a ti pode aspirar, Celeste Rosa;
O triste amor de um coração já morto.

Maria, eis-me a teus pés vencido e absorto,
Cura-me esta cegueira insidiosa,
Porque eu regresse do caminho torto,
Onde a minh'alma se perdeu chorosa.

As mais opacas vendas do peccado
São tantas sobre estes profanos olhos,
Que nem posso enchergar teu vulto amado.

D'este peito nos intimos refolhos
Faze que irrompa o teu amor sagrado,
Qual branco lyrio num montão de escolhos.

II

— Mas como fecundar a rocha impura
Por onde corre uma caudal de lama?
Como enxugar a lagrima perjura
De quem tão tarde e de tão longe clama? —

— Ó milagrosa fonte da ternura,
Astro bemdicto de piedosa chamma,
Que ferida o teu balsamo não cura,
Quem é que ao teu calor se não inflamma?

Aqui me tens de joelhos, compungido,
Na postura de um réo que se confessa
De todo o mal que ha feito arrependido.

Se em ver pequei, minha cegueira apressa;
Porém deixa-me a voz num só gemido
Para que ao menos um perdão te peça.

LÔAS AO VENTO

Puz-me a bordar estes versos
Sobre uns temas deseguaes:
Velhos assumptos dispersos,
Motivos sentimentaes.

Quedei-me triste e sombrio,
Com a alma a tremer de frio,
Neste cálido verão.
Ora o contraste das cousas!
Eu gelado como as lousas
Nesta abrasada estação.

Desperta, coração morto!
Não é longe o nosso porto,
Já luze perto o pharol.
Marinheiro somnolento,
Apara os golpes do vento
No teu capote hespanhol.

Crac, crac, crac a bujarrona
Já tem em trapos a lona,
Vae-se tudo d'esta vez.
Ó valei-me neste inferno,
Dom Quichote, avô paterno
Do vate Dom Fernandez.

Orça, orça, marinheiro!
Eis o porto hospitaleiro,
Quedae-vos, ondas do mar.
Ó sereias encantadas,
Calmae as aguas salgadas,
Para o meu barco passar.

Não silves mais, vento Norte!
Bate nas velas bem forte,
Propicio vento do Sul!
Depois de tanta procella,
É grato vagar á vella
No dorso de um mar azul.

Aqueceste, timoneiro,
Fraco e medroso gageiro,
Friorento coração?

Ei-nos chegados, acorda,
E vem debruçar-te á borda
Do nosso afoito galeão!

Vê que recorte de praias,
E que opalinas cambraias,
Que tombam do claro céo.
Vê como palpita e arde
O sol no collo da tarde
Como um sangrento tropliéo.

E a flora evolando aromas,
Fructos á guiza de pomas,
Que em vez de leite dão mel!,
O chão de flôres coberto
E o céo em bençãos aberto
Sobre a « Torre de Babel ».

Hein, coração pessimista!
Que te parece a conquista
D'esta terra e d'estes céos?
Bem valem a travessia,
O rancor da onda bravia,
E a furia dos escarcéos.

— Não, isto, não me deleita;
Debalde a terra se enfeita
Aos tedios do meu olhar.
Ai! que profundas saudades
Dos ventos, das tempestades!
Voltemos de novo ao mar.

Então, desfraldemos vellas
Aos furacões e procellas,
Vae-te gelar outra vez.
Vinde guiar, Sancho Pança,
A nau « Perpetua Esperança »
Do vate Dom Fernandez.

SEGUNDA PARTE

ZAIDÆ MEÆ LAUDES

PROEMIO

RATIO VICTRIX ET COR INVICTUM

... Trop faible esclave, écoute,
Écoute et ma raison te pardonne et t'absout.
Rends-lui du moins les pleurs! Tu vas céder sans doute?
Hélas non! Toujours non! Ô mon cœur, prends donc tout!
DESBORDES-VALMORE.

I

Amargurado coração dolente,
Que por affectos vãos tanto has soffrido,
Consola-te e suffoca o teu gemido,
Sendo ao Bem, sendo ao Mal indifferente.

De que te vale este anceiar latente,
Que te tem na amargura consumido,
E as lagrimas de dôr que tens vertido
Por tudo a quanto aspiras vagamente?

Nessas luctas de amor em que te empenhas,
Serás sempre trahido e rechaçado,
Pobre romeiro de dezertas brenhas!

Por tudo por que em vão tens palpitado,
É mister, coração, que te contenhas,
Sendo mais comedido e recatado.

II

Esconde a tua lagrima sincera,
O teu ancioso palpitar reprime,
Porque o teu pranto amargo não redime
Esta ancia de soffrer que te lacera.

Sê mixto de cordeiro e de panthera,
Confunde o torpe Mal e o Bem sublime,
Caminha alheio entre a virtude e o crime,
Sendo menos archanjo do que fera.

Nas miragens veladas da pureza
Não te percas, somnambulo maldicto,
Por tua ingenua e fatua singeleza.

Basta de angustias, coração proscripto,
Submette-te ás leis da natureza,
Communga as hostias do mundano rito.

III

— Assim diz-me a razão serena e fria
Ao viril coração desbaratado,
Qual solícita sombra que a meu lado
Por maus caminhos os meus passos guia.

E como um vão gemido soffocado,
Como um triste rumor de voz sombria,
Que em mortuarias nevoas irradia
De silencio de um túmulo fechado,

Torna-lhe o coração solenne e triste:
Em tirar o prazer do soffrimento
Um sabio engano do viver consiste.

Nas chammas d'este amargo desalento
É que o meu sangue a circular resiste
À gelidez do eterno esquecimento.

IV

É neste tantalismo de quem ama,
Sempre evitado pelo ser que adora,
Que consiste a ventura de quem chora,
O desgraçado alívio de quem clama

Por seu alheio amor — esquiva chamma —
Que, aos olhos de quem soffre, esquiva embora,
É como o riso de uma doce aurora,
Que o largo céo de luz todo recama.

É neste renovar de crenças mortas,
Que o espirito, na dôr transfigurado,
Entra do sonho as constelladas portas.

Nem presente, futuro, nem passado!...
Ó razão, é de balde que me exhortas,
Deixa-me assim viver sempre enganado!...

I

IDYLIO FUNESTO

Dia ou noite de amor? Nem me occorre á lembrança...
Para que hei de evocar esse divino instante
Se de o reproduzir tenho morta a esperança?!...

Andava o meu amor como um fantasma errante,
Que viesse procurando um túmulo vasio
Na humilde paz de uma necropole distante.

Perecia-lhe o mundo um dezerto sombrio,
Os veludos da noite infiltravam-lhe tedio;
As purpuras do sol gelavam-no de frio.

E elle a esmo tragava o seu mal sem remedio,
Caminhando a scismar para um ermo infinito,
Que o rodeava como um nirvanico assedio.

Mas, nisto, uma visão surge ao romeiro afflicto
E se encosta a sorrir no seu frígido seio,
E se enlaça amorosa ao fantasma proscripto.

Foste tu, foste tu, anjo de mago enleio,
Que me deste a beber um milagroso vinho
Contra o meu secular e dolorido anceio.

Foste tu, com o teu dulcissimo carinho,
Que me chamaste, pomba, aos encantos da vida
Para tecer comtigo um perfumoso ninho;

Porque tu eras tambem uma incomprehendida,
Uma exotica flôr de violentos perfumes,
Num fructo de paixão presaga convertida.

E esse halo fatal de tenebrosos ciumes,
Que te aureolava a formosissima cabeça
Dava-te mais encanto aos teus meigos queixumes.

Dava-te a esveltez de uma corça travêssa
Ao talhe seductor do teu corpo de Venus,
Ao culto sem ritual dos barbaros avêssa.

Dava mais seducção a esses pomos morenos,
Que estuavam nos teus corpetes apertados,
Certo para os conter estreitos e pequenos.

Ungia de um languor os teus olhos quebrados,
Em cuja luz havia uns estranhos fulgores
De tenebrosos céos por demonios vagueados

Eu, deante de ti, senti que as minhas dôres
Se dissipavam como as trevas silenciosas,
Que o beijo da manhã tinge de roseas côres.

Vi que no céo azul as estrellas radiosas,
Como bençãos de luz, conduziam meus passos
Por uma estrada em flôr de lyrios e de rosas.

Vendo que o nosso amor clareava os espaços,
No impulso viril de uma paixão sincera,
Aos teus braços corri, tu correste aos meus braços.

Sorvi no labio teu — perfumosa cratera,
Onde um vulcão de ciume em beijos estuava —
O filtro de um prazer que hoje me dilacera.

Nem siquer presenti nessa amorosa lava
O espirito mau do presagio iracundo,
Que, sobre ella a pairar, nossos beijos contava.

Esse « duetto » de amor foi tão grande e profundo
Que em seu eco levou nosso ingenuo segredo
Para a divulgação repulsiva do mundo.

Eu de tedio sorri, tu choraste de medo...
Num extase cahi, quiz de novo beijar-te,
Pomba, tinhas voltado ao teu patrio arvoredo.

Eu ancioso por ti, busquei-te em toda parte;
A Lei por esse amor tolheu-me a liberdade,
E eu, captivo por ti, morro de desejar-te.

Hoje, nutro-me só d'esta feliz saudade
De ter um dia já dormido descuidoso
No florido vergel da tua mocidade.

Ah! que guardes tambem, anjo desventuroso,
No cofre virginal do teu seio divino
As fundas emoções d'essa aurora de gôso,
Que hoje vela de negro o sol do meu destino.

II

SUPPLICIO DE MAGDÁ

Quem se julgar isempto de culpa
atire a primeira pedra. — Jesus.

Tu soffreste tambem, meiga heroina,
Por causa d'este desgraçado amor;
E ficaste mais bella e mais divina
Sob o funereo resplendor
Do nosso breve e desgraçado amor.

Eu bem sei que cuspiram no teu rosto
As injurias mais torpes, mais crueis.
Não humilhes por isso o teu desgosto,
E não macules os teus pés
Pisando injurias torpes e crueis.

Galenos-Lovelaces caricatos,
Com requintes de satiro, bem sei,
Desvendaram a flôr dos teus recatos,
Patrocinados pela lei
Para afligir o teu pudor, bem sei.

Quizeste até findar tua existencia,
Os virginaes encantos do teu ser;
Roubar a tua inviolada essencia
Ao sol fecundo do prazer,
Que deu novos encantos ao teu ser!...

Que ingenua que tu és, pomba indefesa!
Os teus juizes barbaros e hostis
São abysmos de lama e de torpeza,
São charcos podres, almas vis,
Os teus juizes barbaros e hostis.

Qualquer d'elles, no caso do teu crime,
É réo cobarde, é voluntario réo.
Se erraste o teu encanto te redime,
Sómente foge ao seu labéo
Quem é cobarde e voluntario réo.

Deixa o tufão do odio enfurecido
Destrançar os teus negros caracóes:
Tua cabeça de anjo foragido
Terá meus beijos como sóes
A constellar teus negros caracóes.

Magdalena chorosa e apedrejada,
Vem-te abraçar aos pés da minha cruz;

Vem, formosa, de lagrimas banhada
Beijar ainda o teu Jesus,
Que por ti morre aos braços d'esta cruz.

Mesmo que o mundo inteiro proclamasse
Tua perpetua e eterna maldicção,
Podias occultar a tua face
No meu amor, no meu perdão
Que zombam da perpetua maldicção.

Até seria bom que o mundo inteiro
Te negasse guarida a teu pezar,
Para que tu, meu anjo forasteiro,
Tivesses no meu peito o teu altar,
Sem guarida no mundo a teu pezar.

III

HORRIBILIS DEA

Iniquitatis via,
Saccus estercorum.

Ó sê maldicta, realidade imponderavel!....
Astro do meu amor, te apagarás um dia;
E a formosura em flôr do teu corpo ineffavel
Ha de horrenda jazer, enteiriçada e fria.

Mas, antes do teu fim, antes que a morte leve
Para os gelos finaes e eternos do sepulcro
Teu corpo singular, feito de rosa e neve,
Já contem podridões esse modêlo pulchro.

Pela rosea maciez do teu labio entreaberto,
Cujo beijo produz tantalicas nevroses,
Emquanto o somno teu velo triste e desperto,
Flue o muco buccal das rosadas mucoses.

E esse labio divino, onde o meu beijo canta
O psalmo ritual d'esta paixão sem termos,
Tem o sujo fedor de uma exquisita planta,
Nascida de um paul, entre monturos ermos.

Dentro, na maciez d'esse ventre de estatua,
Cuja epiderme cheira a trevos e lilazes,
Funda desillusão! como a belleza é fatua!...
O tubo intestinal gera fetidos gazes.

E esse ventre a cinzel regiamente talhado,
Altar do meu amor, causa do meu tormento,
É um cofre de jaspe entre sêdas guardado,
Que no ámago contem nauseabundo excremento.

Todo o teu corpo, emfim, que idolatro e desejo,
Como deseja o mar á impassivel arêa,
Tem as vis secreções que dão recato e pejo
Mesmo á desfaçatez da bachante mais feia.

No emtanto, é d'esse amor que o meu estro se nutre;
És meu unico bem, meu talisman sem preço.
Vôa, desejo meu, como um faminto abutre
Em tôrno á podridão que eu cioso estremeço.

Como um falcão de caça ao toque de fanfarras,
Sobe, percute o ar, todo o infinito ronda,
E occulta-me por lá, presa nas tuas garras,
Essa perola vil, que eu não sei onde esconda.

IV

MAGNUM CŒLUM

Sê tu bendicto, ó carcere maldicto,
Ó solitaria estancia da desgraça,
Funebre, estreito e lugubre infinito
Onde o imprevisto ante os meus olhos passa.

Aqui, no teu silencio desolado,
Oiço melhor a voz da eternidade,
E sinto melancolico e meu lado
O solitario archanjo da saudade.

Velhas recordações de tempos idos
Que eu tenho no meu peito sepultadas,
Agora andam cantando a meus ouvidos
Estranhas e nostalgicas baladas.

Sombras antigas de illusões já mortas
Povoam meus tristissimos scismares.
E neste ermo recondito, sem portas,
Penetram-me visões tão singulares!...

Do tumulto da vida um só murmurio
Siquer me chega nesta paz serena
D'este mortuario e tragico tugurio,
Onde minh'alma triste em sonhos pena.

Nesta desolação em que me vejo,
Do céo, visto através a grade escura,
Parece derramar-se um grande beijo
De carinho e de amor que me procura.

Quando a noite me envolve e que adormeço
Já fatigado de dolentes scismas,
Ao romper da manhã, todo estremeço,
Como se a visse por dourados prismas.

É que a pompa dos céos de bençãos cheia
Só de perdões celestes se illumina,
Quando se a vê das grades da cadeia
Como um docel da compaixão divina.

Então minh'alma lúrida se expande
Em doçuras de fé que Deus lhe empresta,
Perdida em sonhos pelo céo tão grande,
Que eu vejo todo de uma exigua fresta.

V

FORTIUM PIETAS

Valle de Josaphat, circumdado de feras,
No complicado horror do Juizo final,
Ó mundo singular, por que assim dilaceras
A quem se não compraz nos pantanos do mal?!

Esta furia cruel desdobrada em tormentas,
Cahindo sobre mim como os ventos no mar,
Vem do teu bôjo vil em ondas pustulentas
Só para este meu peito estoico aniquillar.

No emtanto, aqui me tens, firme como um rochedo,
Contra o qual nada pode o iroso vagalhão,
Pois não rola jamais nos declives do medo
Quem traz a augusta fé como um sabre na mão.

Redobra o teu furor, perpetuamente cresça
O tumulto voraz dos teus brados crueis,
Tudo isso ha de passar sobre a minha cabeça
E desfazer-se em pó recalcado a meus pés!

Ordena embalde aos teus innumeros farcistas
(Muitos dos quaes até proprios amigos meus)
Que me disputem mesmo as infimas conquistas
Que a vida estabelece entre os dominios seus.

Pouco me importa a mim toda a ferocidade
D'essa turba de cães, d'esses vesgos chacaes,
Que eu um dia acolhi na minha intimidade
Com a justa confiança e o amor dos homens leaes.

Quero mesmo sentir o meu corpo chagado,
Extorcer-me de dôr como Chisto na cruz,
Para então me sentir no íntimo expurgado
D'essa accumulação formidavel de puz.

D'essa peçonha nauseabunda e pestilente,
Que me infiltraram nalma esses amigos maus,
Esses hybridos cães de cadella e serpente
Que ganem pela infamia em perpetuos solaus.

Brama em tôrno de mim toda a mundana furia;
O mais torpe furor ruja em tôrno de mim;
Venha o apôdo soez cuspilhar-me de injúria;
Chamem-me D. Juan, Lovelace e Caim.

Do meu sagrado amor nos valles florescidos
Lance o bafio da infamia algum diffamador;
Que a calumnia a gritar afogue os meus ouvidos,
De rastros me levando ao mais rude Thabor;

Mesmo assim ultrajado, altivo e sobranceiro,
Contente hei de morrer no alto da minha cruz,
Sentindo-a junto a mim como um mastro altaneiro,
Que me elevasse sobre um pelago de puz!

VI

PERINDE AC CADAVER

I

Quantas lagrimas, filha, tem custado
Esse instante de amor que nós gosámos,
Tão breve como o célere noivado
Das rôlas bravas entre os verdes ramos!

Nunca mais, nem siquer nos avistámos:
Tu, se em teu coração me tens guardado,
É porque nós dois juntos arrastamos
Os funestos grilhões de um mesmo fado.

Ah! sómente a desgraça e a desventura
Podem fazer dois peitos differentes
Conjugados do berço á sepultura.

Levae-nos, pois, rajadas inclementes,
— Folhas irmãs, sem viço e sem verdura,
Vogando á flôr de indomitas correntes.

II

Vamos assim na flôr da correnteza
Como folhas sopradas pelo vento,
Entre as rochas de rispida aspereza
Que emergem negras d'este mar violento.

Se a vida é mesmo um barco somnolento
Nas torrentes de luz da natureza,
Fruamos a gloria do vital momento
Antes do golfo da mortal surpresa.

Vamos assim, num turbilhão de maguas,
Desventurosos naufragos perdidos
Por invios dorsos de remotas aguas.

Sejam hymnos de amor nossos gemidos,
E repouzem num thalamo de fragoas
Nossos fieis cadaveres unidos.

VII

A D. ESTHER DA SILVA

Vós, que fostes a santa Magdalena,
Cheia de amor, de graça e de piedade,
Que cobristes o horror d'esta gehena
Com o fulguroso manto da bondade;

Vós, que fostes o symbolo sagrado
Da compaixão, da paz e da concordia,
Que surgistes de subito a meu lado,
Cheia de maternal misericordia;

Vós, ó astro do amor e da belleza,
Que a virtude mais candida enobrece,
Deixae que eu vos proclame a singeleza
Nesta espontanea e fervorosa prece:

Santa pagã, *mater piedosa*,
Linda açucena perfumosa,

Anjo celeste do perdão;
Ó pulchra irmã de Arimathea,
Languida rosa da Judéa,
Ó chrysantemo do Japão!

Esguia torre da virtude,
Cujo zimborio esvelto e rude
Vae-se perder nos céos azues;
Ó flôr agreste e nazarena,
Que pareceis, por ser morena,
Irmã mais moça de Jesus!

Regina cœli, desthronada
Da côrte olympica e sagrada,
Onde está vago o vosso altar,
Té que outra santa se conheça,
Que á Santa Martha se pareça,
Mas, tendo os olhos verde-mar!

Meiga « Soror » de S. Bernardo,
Que ungïs de balsamo e de nardo
Os corações dos infieis;
Deixae que est'alma agradecida,
Por vossa graça convertida,
Caia de joelho aos vossos pés.

Ó alva lampada de prata,
Que daes a luz intemerata,
A luz dulcissima do bem;
Que o vosso nome, são meus votos,
Da terra triste aos céos remotos
Seja bemdito para sempre, amém!

VIII

O PANDEMONIO DA LEI

Aos juizes Rubim e Lacerda
com eterno odio e satisfeita vingança.

Eis-me aqui réo confesso ante a austera justiça.
Meu crime é singular, dizem codigos velhos.
Como a um gladiador condemnado na liça
Indigitam-me as leis, preceitos e evangelhos.

Meus desaffectos ruins, outr'ora rechaçados
Pelos clamores vãos do meu verbo de poeta,
Acercam-se de mim, nojentos cães damnados,
No expansivo rancor de uma ganancia inquieta.

Cada rafeiro vil ferra-me a aguda presa,
Tudo gane em redor numa furia indomavel;
E eu nem siquer me abalo ante a brutal fereza
E o confuso ladrar da matilha execravel.

Surgem cães, surgem cães, fantasticos, disformes,
Mandibulas ao ar, olhos vesgos de furia,
Ha-os negros, meãos, brancos, grandes, enormes,
Todos a vomitar o fel torpe da injuria.

E eu vejo em cada cão que ao meu artelho avança
(Funda desillusão que á descrença me aferra)
A forma exterior e a mesma similhança
Do soberano Creador dos céos e terra!...

Dizei-me, ó velho Deus, que tendes o segredo
Dos protoplasmas virginaes d'esta existencia,
Como alheio assentïs que um infusorio tredo
Venha ao mundo manchar vossa divina essencia?!

Quem tem a alma de cão, se a alma é essencia pura,
Dos profundos golfões da vida e da materia
Não deve resurgir com a vossa contextura,
Para o mundo encher mais de torpeza e miseria.

E são, no emtanto, esses rafeiros miserandos,
Disfarçados histriões, viciosos apostátas,
Esses fructos boçaes de adulterios nefandos
Que as Balanças da lei trazem nas sujas patas!...

Vêm todos pesar com ruidoso aparato
A negra podridão do meu crime ascoroso.
Neste grave affazer gastam latim barato
E alguma erudição das obras de Lombroso.

Nada se deixa em paz nos dominios da praxe
Para ficar meu crime em perpetuos arautos,
E ha ultrages hostis ao pudor da syntaxe
Na confusa hediondez mephitica dos autos.

Em cada bacharel uma nova theoria
A respeito da honra e do pudor modernos;
Cada qual tira a geito uma philosophia
Da «hymen» ao sabor dos preceitos hodiernos.

E essas vis decisões, como jôrros de lama,
Misturadas ao fel das calumnias em voga,
Atiram sobre mim, como injurias em chamma,
Dois parvos arlequins, dois cavallos de toga.

E contornam com o mais diabolico relêvo,
Sendo a inveja buril, que é no caso «alma-mater»,
Infamias que eu aqui recitar não me atrevo,
Sobre as revelações podres do meu caracter.

Por que justas razões essa infrene saraiva
De doesto e clamor e de blasphemias roucas,
Por que essa praia-mar tumultuosa de raiva
Cuspida contra mim por centenas de bôccas?!...

Porque me abriste, filha, o teu seio de jambo,
E eu com meus beijos fiz-te um fúlgido diadema,
E de cada olhar teu compuz um dythirambo
E fiz do nosso amor o assumpto d'este poema.

Se tu eras mulher sazonada e perfeita,
Com a frugal compleição de um pécego maduro,
Já de carpo entreaberto á espera da colheita,
Que houve em nossa união de monstruoso ou de impuro?!

Se o teu labio vivia a sonhar com o meu beijo,
Se eu era o teu amor mais dilecto e querido,
Que mal podia haver na expansão de um desejo
Pela fria razão muito embalde contido?...

Ah! meu divino archanjo, a ambição egoista
No humano coração tem perpetuas raizes:
Tu és formosa, eu sou moço e ninguem ha que assista
Sem invejar o amor de dois seres felizes.

Foi o obliquo olhar da inveja traiçoeira
Que sinistro agourou nosso amoroso somno,
Como do inverno frio a nortada agoureira
Desfolha os gonfalões das arvores do outono.

E assim como o carvalho e o olmeiro desfolhados
Na primavera estão pompeando em verdores,
Algum dia, talvez, noutros climas amados,
Hajam de florescer nossos findos amores.

IX

COR INTEMPERANS

Sanguis anima cordis, cor inimicum animæ.

Por que bates assim, coração morto,
Soerguendo-me o peito ao teu compasso,
Emquanto, insomne e vagamente absorto,
Em sonhos tristes pela treva esvoaço?

Esquecido de ti, não vês que eu traço
Nosso roteiro ao derradeiro porto;
Que os meus adeuses ultimos refaço
A's mancenilhas do mudano horto?

Como me vens assignalar a vida,
Batendo assim tão forte no meu peito
De que és a chaga eterna e tormentosa?!

Cicatriza de vez, rôxa ferida,
Não me inocules teu dorido effeito
Nalma que, em te olvidar, chorando gosa.

X

VISÃO NOCTURNA

Como um demonio sucubo te vejo
Junto a meu leito, quando em vão repouso;
Gela-me todo um desolado pejo,
Olhas-me tanto e eu te mirar não ouso.

Como vens atear, anjo enganoso,
O extincto vulcão do meu desejo?!
Já nada pode em mim o dulçoroso
Travo do teu arrependido beijo.

Foge, foge, demonio irresistivel!
Tua perfidia cruel feriu-me tanto
Que ás tuas seducções jazo impassivel...

Olhos, por que vos marejaes de pranto?!
— Ah! pelo nosso amor imperecivel,
Esvae-te, sombra de funesto encanto.

XI

O NATAL DOS PRESOS

> Encostados ás grades da prisão
> Olham o céo os pallidos captivos.
>
> A. DE QUENTAL.

Eis o vosso natal, grilhetas do destino:
As grades da prisão entre irmãos desgraçados,
Em cuja triste fé rola o perdão divino
Como o orvalho do céo nos cardos estiolados.

Fóra, o alegre rumor dos que têm liberdade,
Toda a livre expansão da vida irrequieta,
O indeciso vogar no Jordão da vontade
De crespos vagalhões, sem barreira e sem meta.

E vós aqui, neste recinto opprobrioso,
Mal podendo enxergar o alvo rosto da lua,
Que envolve no fulgor de seu luar carinhoso
Mesmo os famintos cães que dormem pela rua.

Vós aqui, remexendo a apagada lembrança
De mortas illusões de outros tempos felizes,
Porque a dôr que nos traz o vento da bonança
Se arraiga ao coração com perpetuas raizes.

Foi ha tempos, talvez, num remanso de aldeia,
Que fostes a cantar, numa ingenua folia,
Para a missa resada ao luar da lua cheia,
Que em torrentes de paz sobre o mundo cahia.

Levaveis pela mão vossos pequenos filhos,
A quem mostrastes, sobre as palhas da lapinha,
Entre verdes festões de cannas e de milhos,
O Fructo divinal da Celeste Rainha.

No mais santo fervor, ajoelhastes contrictos
Ante o pequeno altar de Jesus recem-nado;
Vossas esposas fieis resavam de olhos fitos
No louro ninho do Cordeiro immaculado.

É certo que a Jesus pedieis compungidos
Propicios ventos para a bussola da sorte;
Que escutasse do céo vossos fundos gemidos
E que vos desse a luz na hora negra da morte.

Vivos estaes, alfim, desolados e mudos,
Neste cruel, estreito e tragico retiro;
Não soltando o clamor de gemidos agudos,
Mas, de onde em onde, um vago e profundo suspiro.

Ouviu-vos o Senhor: tendes vida e repouso,
Mas castigada foi vossa eterna vaidade...
Ah! nunca poderá o espirito ter gôso
Quando o corpo mortal não tiver liberdade.

Essa é a grande lei que dá rythmo á existencia:
O vento acha no céo uma horrenda estreiteza,
Lucta o mar contra a rija e perpetua inclemencia
Da terra, que lhe embarga a brutal correnteza.

Sómente o homem pequenino e transitorio,
Um atomo de Deus no universo proscripto,
Simples evolução de um misero infusorio,
Se esquece de pedir liberdade ao Infinito.

Ah! humanos irmãos, que andaes em mutua guerra,
Ó de cruzadas vãs ousados cavalheiros,
Dentro numa prisão ou na face da terra,
Que somos nós senão vencidos prisioneiros?!

XII

ULTIMO ADEUS

> O mon Dieu, j'ai connu que tout est vil
> Et votre gloire en moi s'est installée.
>
> P. VERLAINE.

Meu amor, meu amor, sinto-me morto e exangue,
Tragicamente só, pobre réo solitario,
Tenho a alma em sangue, os pés em sangue, as mãos em sangue.
Ai! que tragico fim, que dezerto Calvario.

Deus de graça e perdão, de paz e de concordia!
Misericordia!

Ah! como em tôrno a mim tudo negro escurece,
No ambiente pôdre desta pútrida Gomorra;
Meu amor, vem resar-me a derradeira prece,
Vem depressa resar, querida, antes que eu morra.

Deus de graça e perdão, de paz e de concordia!
Misericordia!

Vem olhar para mim com teus olhos piedosos,
Dissipar este horror que em tôrno a mim se espalha.
Quero que a chamma dos teus olhos lacrimosos
Me seja extrema-uncção, viatico e mortalha.

Deus de graça e perdão, de paz e de concordia!
Misericordia!

Meu amor, meu amor, baixa, fecha os meus cilios.
Sinto que se abre aos olhos meus uma aurea porta.
Ó deixa-me levar nossos mortos ydilios
Na indecisa visão, na retina já morta.

Deus de graça e perdão, de paz e de concordia!
Misericordia!

Meu amor, meu amor, foge do meu Calvario,
Deixa esta alma voar para a mansão siderea.
Resa, resa a chorar, desfiando o teu rosario,
Para me eu desprender dos grilhões da materia.

Deus de graça e perdão, de paz e de concordia!
Misericordia!

Adeus, querido amor, ó paixão transitoria,
Martyrio do meu ser, tormento da minh'alma,
Que os nossos esponsaes sejam na eterna gloria,
Fecha-te sobre mim, porta da eterna calma.

Deus de graça e perdão, de paz e de concordia!
Misericordia!

XIII

ATTENDE, LIBERTAS!

A Joaquim Pereira Teixeira e a Henrique Domingues,
victoriosos patronos da minha causa.

Deixa-me agora a sós, liberdade almejada,
Eu suspiro por ti ha muito tempo, é certo,
Como um romeiro espera o beijo da alvorada
Perdido á noute, no silencio de um dezerto.

Ó não me embriagues com o teu vinho capitoso,
Deixa-me agora a sós; neste augusto momento,
Preciso de jazer no velado repouso
De um extase mental, feito de esquecimento.

Preciso de evocar todas as energias
Que durmam do meu ser no inviolado sacrario,
Como um crente a morrer, nas finaes agonias,
Corre as trémulas mãos nas contas do rosario.

Meu estro deve ter, nesta hora suprema,
A eloquencia de amor, de heroismo e de carinho
De uma aguia que espedaça o ferro de uma algema
Despennando-se toda em defesa do ninho.

Quero minh'alma vazar nesta prece que entôo
Com tão funda emoção que me abate o desola;
Pois sou como a aguia real que o instincto do vôo
Esqueceu na prisão de uma estreita gaiola.

Porém, como expressar esta emoção tão justa
De o que sinto cantar num hymno de humildade,
Em devoto louvor d'essa palavra augusta
Que me resuscitou, dando-me a liberdade?!

Como te engrinaldar, alma simples e bôa,
De onde jorra a clemencia entre affeições bondosas,
Como um regato crystallino que se escôa
Sobre lyrios em flôr, entre moitaes de rosas?!

Como falar de ti, Pithias querido e nobre,
Que vieste amparar divinamente humano,
O teu pobre Damão, forasteiro e tão pobre
Como um rochedo nu, que emergisse do oceano?!

Só se agora eu podesse escancarar meu peito,
E pelo coração te provar que não minto,
Atirando-o a teus pés em lagrimas desfeito,
Como um vivo penhor da gratidão que eu sinto.

Manaos, Novembro de 1901.